Leitura do trabalho

"A clínica psicanalítica a prova: neurose, perversão e psicose" ***de María Silvia Lazzaro. Trieb,*** instituição psicoanalítica**, Tucumán. Argentina**

O trabalho da autora nos apresenta no início duas questões:

-Que conceito de estrutura, sustentamos em psicanálise?

-De que modo as nomeadas "Estruturas Clínicas" põem a prova à clínica psicanalítica?

Se o sujeito se constitui no campo do Outro, com a vigência da proposta de Lacan, e o inconsciente está estruturado como uma linguagem, é importante aí sublinhar "como uma linguagem" já que é justamente por essa equivalência que como analistas podemos operar com as formações do inconsciente, inclusive considerar o que faz à formação de um analista, de cada analista. Ali a autora expõe com sucesso que *"A estrutura excede a forma em que se manifesta, de aí, contempla sim outras possibilidades dentro do acontecer do sujeito".* E esclarece que se fundamenta em "incógnitas clínicas e lógicas". Mas se discorre sobre incógnitas lógicas ou é a lógica a que nos permite ordenar o que se apresenta na clínica como incógnitas? Concordamos que se discorre de problemas, interrogantes que surgem na nossa clínica, a modo de incógnitas, mas que abordadas por essa ciência do real, a lógica, será o que precisamente nos permitiria isolar as dificuldades ou pelo menos, situar esses obstáculos, paradoxos, que presentam-se nos na clínica e efetivamente produzir as intervenções que requer o acontecimento discursivo. Como diz a autora, não precisamente se discorrerá da *"interpretação clássica".*

O texto continua com um percurso em torno à problemática da estrutura a partir dos interrogantes que se suportam na clínica, situando o motor na incidência do Real. O Real do buraco que Lacan sustentará a partir de diversos escritos: por uma parte, S (A/), escrita que já propõe no grafo do desejo e que depois no Seminário 23 esclarece que se discorre de buraco rodeado pelo simbólico; e, por outra parte, RSI enlaçado borromeanamente sendo o seu buraco central esse lugar do objeto **a** rodeado pelos três que liga: Real, Simbólico, Imaginário. Dirá: *´A incompletude do Outro, dada por um buraco real, enquanto jogado o objeto* ***a****, implica a reformulação do Simbólico, que não é mas que pôr a ênfase na incompletude própria de toda estrutura significante'.*

Entendo que aí, está se oportunizando a um modo não rígido de pensar a estrutura, isto é, de maneira nenhuma como algo já consolidado e estabelecido de vez e para sempre e vai-se poder articular no momento em que a autora aproxime-se pelo conceito de estrutura assinalado por Lacan, a partir da produção do nó Borromeo, é dizer dos últimos seminários de Lacan. Já que a partir dai, a estrutura assenta-se sobre uma falha irredutível e justamente isso que possa suceder, acontecer o advir, não fará mais do que solicitar que a estrutura responda por cada falha subjetiva, tentando poder objetivá-la como falta, daí que o encontro de cada sujeito com a estrutura que o suporta é o encontro com as vicissitudes da falta que podemos nomear como privação, castração, frustração, ou seja, RSI.

Neste ponto a autora cita com muita pertinência o Seminário 16, De um Outro ao outro**:** *"…num nível radical, o da logificação de nossa experiência, S(*A*/), é exatamente, o que se denomina a estrutura".*

A articulação do significante que falta no Outro e que faz espaço ao Outro Goze, derruba a pretensão de uma glorificação excessiva do simbólico e põe-lo em relação a uma carência real, fenda pela qual não pode responder e pela qual não cessa de escrever (o necessário).

Voltamos ao texto: ´Que é o qué supõe que tenha falta no Simbólico? Significa que: não tem universo do discurso, no tem metalinguagem, nenhum sentido definitivo, não tem uma última palavra.´ Daí que o Simbólico não possa dizer a fenda que o mesmo Simbólico faz surgir. No entanto o R passa duas vezes (*surmonté*) por encima do S, permite-nos pensar também que é a insistência do simbólico o que permite acolher ao Real.

Lemos que a autora assume a conceptualização borromea e dai propõe-nos uma estrutura com a qual é possível trabalhar na nossa clínica, justamente porque a clínica suportada pelo nó Borromeo longe de mascarar a impossibilidade, põe-la a jogar na lógica do "não tudo". O sujeito no desdobramento do seu dizer é convidado a se topar com os impossíveis no jogo, para poder fazer ai o seu ato de invenção.

O texto o confirma, no parágrafo aonde se faz ouvir que:

´Voltando à riqueza do nó de três´, e citando o Seminário 22, RSI *"É impensável que tenha enlaçamento sem buraco",* propõe explicitamente: ´Esta afirmação introduz algo importante: uma consistência imaginária não narcisista, não

esférica mas aburacada e necessária na estruturação do sujeito´. A autora coloca este ponto importante onde o registro imaginário comporta RSI, do mesmo modo que os outros dois registros: discorre-se então de uma estrutura onde cada registro comporta um Real, Simbólico e Imaginário.

Embora, de fato, concordamos que é a partir da clínica que Lacan lê RSI, a autora sustenta que RSI são também três dimensões da interpretação. Surge então a pergunta: são três as dimensões da interpretação ou das possíveis intervenções do analista? Pois se falamos de interpretação, o registro *prínceps* é o do simbólico, a diferença da construção. Ou como dirá Lacan no Seminário 23 *"É de sutura e de costura que se aborda na análise. Mas tem que dizer que as instâncias nós devemos considerá-las como divididas realmente. Imaginário, Simbólico e Real não se confundem. Encontrar um sentido implica saber qual é o nó, e costurá-lo bem somente a través de um artificio"*, 13 de janeiro de 1976.

E aqui podemos acrescentar que essa estrutura RSI é necessária também, para qualquer modo de laço social, especialmente, o laço entre analistas, já que de jeito nenhum estamos absoltos de reintegrar a esfera no narcisismo das pequenas diferenças. Dar lugar ao histórico é dar conta em cada encontro com os pares (semelhantes e/ou próximos), desse ponto irredutível que temos na topologia do toro, como alma do toro.

Isto permitiria sustentar um movimento internacional não regido por um aparelho de comando, mas oportunizando à leitura singular dos mestres, sem que necessariamente alguém ocupe o lugar de guia reitora ou retificadora. Ainda mais, investindo à transferência de trabalho e à letra que decante em cada produção.

O texto avança, para se encontrar com o Seminário 24. ´Neste ponto nós podemos afirmar que a clínica borromea é uma clínica dos buracos, daí não tem tipicidade, que é sobre cada enlaçamento seja uma escrita singular onde caberiam acidentes sim, nas possibilidades de dar um nó´. Lembra então o Seminário 24, L ´insu*, "estrutura não quer dizer mais do que nó Borromeo"*

Embora nós possamos falar de uma clínica borromea, tomando em conta que o analista é pelo menos dois, diferenciarmos a partir do nó, o Real para a Prática, o Simbólico para a Clínica e o Imaginário para a Teoria enquanto tenta-se enlaçar caso por caso.

Nossa experiência clínica sublinha a pertinência de pensar a estrutura, considerando certo aporte à nosografia que nos oferece ´a questão das identificações´ -cito à autora, para continuar com a sua proposta- ´Os seus incidentes permitem-nos fundamentar diversas possibilidades nos quadros clínicos e as modalidades do padecimento subjetivo? Esses desenvolvimentos ilustram-nos que a estruturação subjetiva é complexa e com vicissitudes, que não é uma coisa dada de vez e para sempre. ´

Então diante a primeira pergunta, o texto recorre a uma articulação tripartite: a topologia do nó, a clínica borromea e os três tempos da identificação. Para concluir: 'É imprescindível não encerrar-nos, não tornar-nos esfera para que a psicanálise como discurso seja considerado e valorizado na cultura'. E acrescenta: ´A potencialidade clínica da psicanálise está em fazer trabalhar a estrutura na transferência […] onde o analista pode produzir efeitos […] o que pode nos permitir mudar a articulação do sujeito ao desejo, ao goze e ao amor qualquer seja a estrutura'.

Isto a o nosso entendimento significa, não tentar suturar essa falha, que promovida como falta, faz à causa do desejo. Um sujeito dividido entre o que diz e o que sabe, põe em questão dia-a-dia nossa clínica e traz à tona o desejo do analista. Dirá: ´Não é uma questão de transtornos para apagar, mas de uma expressão singular do padecimento para processar´.

A autora faz uma proposta a respeito de não fechar-nos e abrir a psicanálise lendo as modalidades que emergem dos sintomas na cultura, isto é, estar à altura do que nos apresenta a subjetividade da época.

Ler a problemática da estrutura e interrogá-la permite-nos trabalhar as possibilidades de intervenção analítica, na medida em que não sempre será possível recorrer à interpretação ou confiar na estabilidade do fantasma. Interpretar é interpretar o Edipo e a castração - coisa que é patrimônio exclusivo das neuroses. Para contar com a eficácia do fantasma é preciso ter passado pelos três tempos estruturantes da identificação, enquanto que nossa prática nos confronta dia-a-dia com as falhas nos tempos constitutivos e o modo no que cada sujeito tenta reparar tal falha.

Daí que seja importante considerar que quando não se conta com a estabilidade do fantasma, quando se produz a ruptura do nó e não se pode reenlaçar, possamos intervir aportando com a cura, justamente quando o *sinthome* não surge espontaneamente do próprio sujeito.

Susana Splendiani

Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud-Rosario.Argentina